

AS PALAVRAS POR TRÁS DAS RUÍNAS

Máyra Larissa Anjos¹

RESUMO

A proposta é a utilização do livro *Balún-Canán* (1957, Rosário Castellanos) para pensar o governo de Lázaro Cárdenas (1934-1940) no México, assim como o impacto social de suas medidas e a forma como o período ficou registrada na memória coletiva da década de 1950.

Palavras-chave: Balún-Canán; Rosário Castellanos; Lázaro Cárdenas; literatura; México;

ABSTRACT

The proposal is to use the book *Balún-Canán* (1957, Rosário Castellanos) to think about the government of Lázaro Cárdenas (1934-1940) in Mexico, as well as the social impact of its measures and the way in which the period was registered in collective memory from the 1950s.

Keywords: Balún-Canán; Rosario Castellanos; Lázaro Cárdenas; literature; Mexico;

Não há documento de cultura que não seja também documento de barbárie. Assim afirma Walter Benjamin na Tese VII de *Sobre o Conceito de História*. O presente artigo, tendo em seu horizonte os conceitos do filósofo alemão, concentra-se no projeto de pesquisa apresentado à banca de graduação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), intitulado *História e Literatura: a arte como dispositivo para a apreensão do real. A história do México sob o governo de Lázaro Cárdenas a partir do romance escrito por Rosario Castellanos, Balún-Canán (1957)*, buscando refletir acerca dos grupos sociais silenciados pelo discurso da história oficial e que se mantêm encerrados nas ruínas do tempo. Assim como a utilização da literatura e de seu potencial de contribuição ao historiador que vê nela uma fonte histórica e que se esforça para, junto ao *Angelus Novus* de Klee, desviar o seu olhar para muito além dos ditos vencedores, evidenciando fragmentos de outras histórias possíveis.

A literatura, embora fictícia, traz consigo a marca de seu tempo e os vestígios do imaginário social da época. Através da investigação do registro literário torna-se possível fazer emergir os medos, as angústias, os desejos e os conflitos de determinados grupos sociais. Como sinaliza Avelino (2009), ainda que a arte atue como um refrator da realidade não deixa de apresentá-la, seja a partir de sátiras, de dramatizações ou de exageros. Cabe ao historiador trabalhar essa fonte riquíssima para os estudos da história cultural.

¹ Bacharel em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Pesquisa apresentada como Trabalho de Conclusão de Curso História (TCC) | 23 a 27. Nov. 2020. Sob orientação: Profa. Dra. Yvone Dias Avelino. E-mail: anjos.mayra2@gmail.com.

Os desejos presentes na narrativa fictícia apontam para histórias que não ocorreram, mas que estavam presentes no desejo dos indivíduos e dos movimentos sociais, como chama à atenção Peixoto (2011). A partir disso, pode o historiador compor o universo mental de uma época.

Trabalhar a literatura como fonte histórica exige adentrar o campo da semiótica, uma vez que, por se tratar de arte, envolve representações. Para Stuart Hall elas estão ligadas à produção de sentido, constituindo a elaboração do significado dos conceitos da nossa mente por meio da linguagem. O conceito de signo é fundamental, ele é o termo geral que é utilizado para palavras, sons ou imagens que trazem consigo sentido. Dessa forma, é indicado ou representado pelos signos a interligação de seus conceitos e relações presentes na mente dos indivíduos. Os sistemas de significados das culturas são, assim, construídos.

Ao tomar o texto literário como um sistema de signos, o historiador pode indagá-lo intensamente na procura por estruturas sociais. Investigando o texto é possível encontrar signos que apontam para o passado, para as ruínas. Lacapra (1991) institui como método científico para o historiador trabalhar o texto junto ao contexto (em seu sentido de representação de experiências históricas), para, assim, extrair do texto literário a forma como uma dada realidade foi apresentada e representada analisando o imaginário e as perguntas de uma época ali registradas. O que retém a atenção do historiador é a forma como as representações estão elaboradas e a maneira como se escolheu para recriar a realidade que muitas vezes difere dos acontecimentos da vida real, mas que simbolizam os desejos não consumados.

De acordo com Barthes (2013), a língua nos obriga a dizer, o que a faz assumir um caráter fascista, tornando-se necessário encontrar maneiras de a trapacear. Em sua visão, é justamente a Literatura que é capaz de libertar a linguagem e, dessa maneira, a História, pois, como ele afirma, *a literatura não diz que sabe alguma coisa, mas que sabe de alguma coisa.* (BARTHES, 2013).

Assim descortina-se um mundo de possibilidades, onde basta que se escove a história a contrapelo para vir à tona a história dos vencidos. Para Benjamin (2013), ao procurar nas ruínas da história os anseios não concretizados, pode-se ouvir o que o passado tem a dizer em sua polifonia, muito além de um único discurso. A partir disso viabiliza-se a desarticulação da noção de vencedores e vencidos (BENJAMIN, 2013).

A exemplo do que foi apresentado até então, o projeto de pesquisa *História e Literatura: a arte como dispositivo para a apreensão do real. A história do México sob o governo de*

Lázaro Cárdenas a partir do romance escrito por Rosario Castellanos, Balún-Canán (1957), toma como fonte histórica e objeto o romance *Balún-Canán*, escrito em 1957 por Rosario Castellanos Figueroa.

Nascida na Cidade do México em 1925, a autora teve a vida marcada pelo que chama de dupla condição: ser mulher e mexicana. Passou a infância em Comitán, na região de Chiapas, onde teve intenso contato com a cultura e o modo de vida dos povos indígenas da região, presenciando as desigualdades e violências sofridas por essa população. Ao se relacionar com esses indivíduos, Castellanos identificou-se, notando semelhanças entre a exclusão sofrida pelos indígenas e a exclusão e opressão vivenciada pelas mulheres na sociedade mexicana da época. Tornando estes os temas principais de suas obras.

Em *Balún-Canán*, objeto da pesquisa proposta, a história é narrada por *niña*, uma garota de 7 anos de idade. Simbolicamente ela não tem seu nome revelado. A partir de sua ótica, o leitor adentra no espaço criado pela autora e no mundo ali representado. Por se tratar da visão de uma criança, o ar de preocupação que envolve a cidade onde se passa a história, Comitán, é percebido sutilmente.

Niña ignora o porquê e interpreta à sua maneira o que vê, não dando importância à apreensão dos adultos e voltando-se para seu próprio mundo: sua escola; seu irmão mais novo, *Mario*; e sua *nana*, (termo geralmente utilizado no México para designar mulheres, em sua maioria indígenas, que trabalham como babás) quem lhe cuida e lhe dá carinho.

Dos jornais chegam notícias de agitações no país e mudanças nas políticas vigentes. O presidente da república, Lázaro Cárdenas, aprova a exigência de que os grandes proprietários de terras construam escolas rurais para o ensino das crianças filhas dos trabalhadores, que em sua totalidade são indígenas.

No cerne da história está a busca de *César*, pai de *niña*, por uma forma de fazer vistas de que cumpre a nova lei enquanto, na verdade, a burla. A tensão se intensifica à medida que grupos de trabalhadores indígenas reivindicam o cumprimento da lei, o que culmina em uma insurreição. A fazenda é incendiada e a família de *niña* expulsa das terras. Na tentativa de recuperá-las, *César* parte para Tuxtla. Passam-se semanas e ele não é atendido pelo governador. Obstáculos para a resolução de questões por meio do favorecimento de conhecidos que ocupam cargos políticos eram, até então, inéditos.

No período em que se passa a história narrada o México vivia as transformações promovidas pelo governo do general Lázaro Cárdenas (1934-1940), que tinha como principal objetivo a reforma agrária. As antigas famílias oligárquicas presenciaram a expropriação de suas terras e a criação de leis que visavam promover a melhora na

condição de vida das classes mais baixas. Uma atenção especial foi dada à questão indigenista, através do Departamento de Assuntos Indígenas foram organizados programas de pesquisa e educação, projetos educacionais proliferaram, tendo destaque o programa de construção de escolas rurais.

Todos os processos históricos mencionados acima estão presentes em *Balún-Canán* (1957). Que não espelha de maneira absoluta o real, mas o traz de maneira refratada. Através da investigação concomitante entre obra, contexto histórico e vida do autor apreendem-se traços da mentalidade e imaginário social de uma época, assim como o discurso de memória estabelecido por governantes em contraste com a memória social. Dá-se rosto e voz a atores históricos que passaram despercebidos por estarem fora dos grupos dominantes, mas que não são por isso menos importantes pois não deixam de participar dialeticamente dos processos históricos.

O objetivo geral, da pesquisa proposta, constitui-se por analisar criticamente o governo de Lázaro Cárdenas no México, a forma como suas políticas foram sentidas pela população da época e como ficou inscrita na memória social nas duas décadas seguintes. Entre os objetivos específicos estão fazer da Literatura um instrumento para a pesquisa histórica, bem como pensar a infância, a memória e a relação entre História e Literatura. Serão tomadas como fontes o livro *Balún-Canán* (1957), os diários de Lázaro Cárdenas, documentos referentes a seu governo presentes no Arquivo do Instituto Nacional de Antropologia e História do México (INAH), e jornais e revistas que estiveram em circulação no país no período que vai de 1934 a 1959.

Conclui-se que no intento de garantir o direito à memória a grupos sociais marginalizados e renegados pela História, legitima-se a utilização da Literatura enquanto fonte histórica e seu aporte é fundamental para as investigações da história social.

REFERÊNCIAS

Bibliografia

- AVELINO, Yvone Dias. História e Literatura: cidades, memórias e esquecimentos na América Latina in: Dias, All (orgs). Olhares Cruzados: Cidade, História, Arte e Mídia. Curitiba, PR: Editora CRV, 2011.
- BHARTES, Roland. Aula. 16ª reimpressão da 1ª Edição. São Paulo: Cultrix, 2013.
- BENJAMIN, Walter. O Anjo da História. 2ª Edição. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2018.
- CASTELLANOS, Rosario. Balún-Canán. 6ª Reimpressão. México: Fondo de Cultura Económica, 1978.
- HALL, Stuart. Cultura e representação. 1ª Edição. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2016.

LACAPRA, Domonick. História e Romance in: Revista de História da UNICAMP. Nº2-3. Campinas: Editora Unicamp, 1991.

PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Saberes e sabores ou conversas sobre história e literatura. In: Revista História & Perspectivas, v. 24, n. 45, 14 dez. 2011.

Fontes

CASTELLANOS, Rosario. **Balún-Canán**. 6ª Reimpressão. México: Fondo de Cultura Económica, 1978.

ANJOS, Máyra Larissa. **História e Literatura**: a arte como dispositivo para a apreensão do real. A história do México sob o governo de Lázaro Cárdenas a partir do romance escrito por Rosario Castellanos, Balún-Canán (1957). 2020. 35 f. Trabalho de Conclusão de Curso. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo: 2020.